

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. "Recensão Crítica ao Livro «Braga de/by André Soares», de Eduardo Pires de Oliveira". In: *ARTIS - Revista de História da Arte e Ciências do Património*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017, nr.5 (2ª série), pp.176-177.

ARTIS

NÚMERO/05
ANO/2017

REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE E CIÊNCIAS DO PATRIMÓNIO

RENASCIMENTO(S)

NICOLAU DE FRIAS EM ROMA

IDENTIFICAÇÃO DO ANÓNIMO PORTUGUÊS

ICONOGRAFIA E MEMÓRIA NO RENASCIMENTO PORTUGUÊS

A REPRESENTAÇÃO ESCULTÓRICA DO "INFANTE SANTO"

OBRA DOS PEDREIROS-IMAGINÁRIOS FRANCISCO DE LORETO E PERO GOMES

O RENASCIMENTO EM ARRONCHES

ESTUDO DOS PINTORES DE CORTE

DOCUMENTOS INÉDITOS

OBRA-PRIMA DO GRÃO VASCO

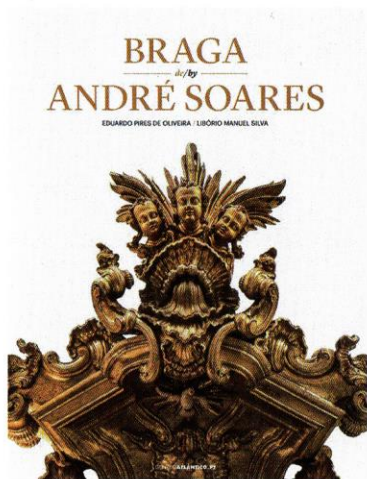
O ENTUSIASMO EM TORNO DO SÃO PEDRO DA SÉ DE VISEU



JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS

RECENSÃO CRÍTICA AO LIVRO

BRAGA DE/ BY ANDRÉ SOARES



de Eduardo Pires de Oliveira
ISBN: 978-989-615-194-2

Num momento de cada vez maior valorização dos artistas de âmbito regional, foi publicado um excelente ensaio sobre a obra em Braga do exímio André Ribeiro Soares da Silva (1720-1769), artista sobejamente conhecido mas cuja obra tem sido um profícuo campo para novas descobertas. Eduardo Pires de Oliveira é o autor deste estudo, incontornável para se conhecer a obra de André Soares e para se compreender muitas das obras artísticas da capital minhota e do próprio Minho. Mas incontornável também é essa autoria, na medida em que Eduardo Pires de Oliveira desde há muitos anos se vem debruçando sobre a vida e obra de André Soares, tendo a sua dissertação de doutoramento versado precisamente sobre este artista, intitulado-se *André Soares e o Rococó do Minho*. A tal ponto encarnou o papel de estudioso de André Soares – buscando compreender as suas obras, conhecer a sua vida e identificar as suas influências – que jocosamente costuma contar que apenas tem pena de uma coisa: “*não saber se André Soares gostava mais de vinho tinto ou vinho branco*”. Isto diz bem do nível de profundidade que exige para a sua investigação, pois considera que apenas se conhecendo a vida do artista se poderá compreender na plenitude a sua obra artística.

O livro aqui abordado não é o primeiro que se debruça sobre a obra de André Soares, como o próprio Eduardo Pires de Oliveira nos lembra no final do seu livro. Antes dele já Robert Smith havia “redescoberto” o artista e publicado em 1973 um livro intitulado precisamente *André Soares: Arquitecto do Minho*, obra esta profusamente citada até aos nossos dias. Se antes de Robert Smith apenas se havia apontado timidamente a existência do rococó no Entre-Douro-e-Minho, nomeadamente por Reinaldo dos Santos, depois de Smith começou finalmente a conceder-se ao rococó (e ao próprio

barroco) minhoto o devido estudo e importância. A partir de finais do século XX começaram a ser feitos trabalhos de investigação com cada vez maior profundidade sobre a arte entre o período barroco e o neoclássico no noroeste português, os quais invariavelmente referiam o papel relevante de André Soares no panorama artístico minhoto. A título de exemplo, poderíamos referir investigadores como Mário Barata, Flávio Gonçalves, Manuel Joaquim Moreira da Rocha ou Paulo Varela Gomes.

Não sendo ainda muitos os estudiosos que dedicaram parte da sua investigação à arte do Minho de finais do século XVII a inícios do século XIX, o seu número aumenta exponencialmente quando se assumem as intensas relações desta região com outra região do Brasil que recebeu uma massiva emigração a partir do noroeste português: Minas Gerais. E encontram-se de facto numerosos artistas minhotos que trabalharam na região mineira, trazendo consigo influências artísticas e culturais, bem como um comércio de obras artísticas que, em muitos momentos, funciona nos dois sentidos – como uma região definida por outro tipo de fronteiras baseadas numa “geografia artística”, conceito aliás intuído por George Kubler e exemplarmente analisado por Thomas DaCosta Kaufmann no seu livro *Toward a Geography of Art*. Não foram apenas os “estrangeiros consagrados” Robert Smith, Germain Bazin, John Smith ou George Kubler que estudaram as relações da arte minhota e mineira, bem como o processo de viagem das influências artísticas e culturais; também os brasileiros Sylvio de Vasconcellos, Myriam Ribeiro de Oliveira, Nelson Porto Ribeiro, Sandra Polshuck de Faria, Selma Miranda, André Guilherme Dornelles Dangelo ou André Luiz Tavares Pereira dedicaram alguns estudos que abordaram em maior ou menor grau estas relações artísticas Minho – Minas Gerais.

Eduardo Pires de Oliveira, como não podia deixar de ser, foi propositadamente deixado para o fim, não porque o seu nome é menos importante que os restantes no que à arte minhota setecentista diz respeito, mas precisamente pelo oposto: não haverá talvez nenhum outro investigador que tanto tenha contribuído para a descoberta e divulgação dessa arte barroca e rococó do Minho, com destaque para a arquitectura e a talha. Com efeito, os numerosos anos a trabalhar na Biblioteca Pública de Braga permitiram-lhe um acesso privilegiado a arquivos ainda por explorar, um imenso espólio documental quase virgem que ajuda a traçar indelevelmente muito do percurso da arte minhota nos últimos séculos.

E quanto a André Soares, se há alguém que está mais próximo de descobrir se o artista preferia vinho tinto ou branco, esse alguém é Eduardo Pires de Oliveira, fruto do seu “convívio” quase diário com o artista durante os anos de investigação para o doutoramento. Aproveito-me mesmo a dizer que ninguém conhecerá tão profundamente a vida, a produção artística e as influências sofridas e geradas por André Soares como Eduardo Pires de Oliveira. E isto sem mencionar outros estudos de inegável importância por si produzidos e que se encontram patentes em referências bibliográficas em Portugal, Brasil e outros países, dos quais tenho que destacar os estudos sobre o enigmático António Pereira de Sousa Calheiros, bracarense que emigrou para Minas Gerais e aí produziu um conjunto de obras arquitectónicas verdadeiramente notáveis. Veja-se, por exemplo, o seu livro *Minho e Minas Gerais no Séc. XVIII* (Braga, 2016).

O livro *Braga de/by André Soares* apresenta-nos em primeiro lugar uma síntese profusamente ilustrada da obra artística de André Soares em Braga, cidade onde nasceu, viveu e desenvolveu a maior parte da sua produção artística, e onde morreu com apenas 48 anos mas com uma imensa obra. Ainda que a maioria da matéria tratada neste livro tenha como base a sua dissertação de doutoramento, Eduardo Pires de Oliveira não deixa de incorporar algumas novidades entretanto descobertas, num processo de contínua actualização sobre os objectos e metodologias de investigação. O livro não pretende ser uma obra de âmbito académico – nem o poderia ser, conforme se depreende na omissão das fontes e de referências documentais e bibliográficas –, mas sim uma obra de divulgação para o público em geral, sem contudo deixar de assumir uma vertente mais erudita. Ainda assim, Eduardo Pires de Oliveira deixa-nos no fim do seu livro o endereço para se poder consultar *online* a sua dissertação de doutoramento, onde todas as fontes e bibliografia estão bem assinaladas.

A contextualização do tema do livro faz-se mediante um breve enquadramento histórico-artístico sobre Portugal (o reinado de D. João V e o seu patrocínio das artes; as riquezas provenientes do Brasil; as influências artísticas de Itália e, em menor escala, de França e da Europa Central), seguindo-se o enquadramento sobre Braga (a sua importância no panorama religioso, enquanto arcebispado Primaz das Espanhas; o papel mecenático dos arcebispos D. Rodrigo Moura Teles e D. José de Bragança, este último da Família Real Portuguesa; a emigração proveniente da Galiza; a qualidade dos artífices bracarenses). Como não poderia deixar de ser, a vida de André Soares foi também sinteticamente abordada, deixando-nos entrever como poderá ter feito a sua formação artística e as razões para o seu rumo artístico, mas também o estudo dos encomendadores nos ajuda a dar essa percepção do tipo de obras, das escolhas de formas, volumetrias, ornamentação, etc. Algo a que, como mencionado anteriormente, Eduardo Pires de Oliveira dá importância capital e que neste livro é sobejamente demonstrado através de um enorme conjunto de dados.

Mas se os elementos recolhidos em arquivos são fundamentais, mais importante ainda é a análise *in loco* das próprias obras artísticas, dos seus projectistas e dos seus executantes, para além dos encomendadores. Eduardo Pires de Oliveira, que acredita que o mais importante documento é a própria obra, leva-nos numa viagem de descoberta da obra de André Soares em Braga, desvelando-nos várias obras quase desconhecidas da generalidade das pessoas, descrevendo-as e trazendo-as para a luz. Foram tratados 18 exemplos arquitectónicos da sua autoria (ou co-autoria) segundo uma evolução cronológica, onde se abordaram resumidamente o enquadramento urbano dos edifícios, as fachadas, os espaços interiores, a sua evolução construtiva e a ornamentação existente. Mas foram ainda estudadas as suas criações artísticas em talha – talvez as suas obras mais profícuas –, nomeadamente o repertório decorativo e enquadramento ao nível da decoração de interiores. O livro encerra com duas menções a desenhos da autoria de André Soares (um mapa de Braga e uma cartela) e à referência a obras suas fora do município de Braga (Guimarães, Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, Vila Real, Lamego, Vila Nova de Gaia, Penafiel, Esposende, etc.).

Conseguimos vislumbrar através deste magnífico livro mais além do que a obra de André Soares. Somos tentados a acreditar que muita da exuberância ornamental de André Soares resulta de um certo gosto pela obra gorda que desde a Alta Idade Média se fez sentir no Entre-Douro-e-Minho: a abundante ornamentação do românico, do manuelino e do barroco, que quase nunca se perderam nesta região do país. E Eduardo Pires de Oliveira mostra-nos as influências provenientes das gravuras de Andrea Pozzo e da Europa Central (geralmente denominadas como “gravuras de Augsburg”), certamente bebidas por André Soares em tratados e livros de gravuras como se fossem catálogos ornamentais. Porém, estas influências não explicam o fulgor e criatividade de André Soares nas suas obras plenas de curvas, ornamentos, volumes e cenografias.

A consulta de gravuras provenientes de Itália ou da Europa Central não explica a genialidade de André Soares; esta é explicada pela interpretação de gravuras planas a preto e branco e posterior adaptação para obras físicas com tridimensionalidade de cor. É André Soares que dá às gravuras formas, volumetrias e cores, criadas segundo a sua própria imaginação, tornando-as em muitos aspectos diferentes das obras de arte centro-europeias e italianas que serviram como modelos para as gravuras. André Soares adapta esses modelos ao seu próprio mundo estético, bebendo logicamente influências locais, mas criando algo também diferente da cultura local. Poder-se-á chamar rococó minhoto, ou tardo-barroco do granito, ou outra designação qualquer? Talvez sim, já que é de facto diferente do que então se fazia no resto do país. Mas também existiam correntes artísticas definidas em vários locais de Portugal e dos seus territórios ultramarinos, sem contudo deixarem de ser assumidos como correntes artísticas portuguesas.

O que Eduardo Pires de Oliveira não deixa qualquer dúvida é relativamente às qualidades de André Soares como artista, mas essencialmente sob um ponto de vista de projectista. André Soares projectou e desenhou edifícios, mas não era mestre-de-obras nem dominava os aspectos técnicos da construção; desenhou talha, mas não era entalhador nem esculpiu peças de madeira. Era sim um artista que concebia a obra de arte sem contudo a executar.

Uma última palavra para o excelente prefácio ao livro feito por Vítor Serrão, uma síntese elucidativa da importância de André Soares como artista no panorama português, que se constitui como um excelente início de leitura do livro de Eduardo Pires de Oliveira, e também uma referência para as magníficas fotografias de Libório Manuel Silva, muito bem inseridas num excelente trabalho gráfico, que nos deixam deleitados a cada nova página que desfolhamos.